

01

ENTREVISTA COM BRÁULIO TAVARES

Júlio França (UERJ)
Karla Niels (UFF)

Recebido em 02 jul 2015. Julio França. Doutor em Literatura Comparada e mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura pela UFF. É professor do Instituto de Letras e do Programa de Pós-graduação da UERJ. É líder do Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico (CNPq) e membro do GT Vertentes do Insólito Ficcional (ANPOLL). <https://sobreomedo.wordpress.com>; julfranca@gmail.com

Aprovado em 06 out 2015.

Karla Niels. Doutoranda em Literatura Comparada da UFF, mestre em Literatura Brasileira pela UERJ e bolsista CAPES. É tutora a distância na faculdade de pedagogia do consórcio CEDERJ/UNIRIO/UAB e professora da Educação Básica do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC). É membro do Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico (CNPq). Karla.niels@gmail.com



Bráulio Tavares nasceu em 1950, na cidade de Campina Grande, Paraíba; mas desde a década de 1980 reside no Rio de Janeiro. É escritor, colunista, poeta e compositor. Foi o ganhador em 1989 do prêmio editorial português “Caminho da Ficção Científica” pelo livro de contos *A espinha dorsal da memória* e do Prêmio Jabuti de Literatura Infantil em 2009, pela obra *A Invenção do Mundo pelo Deus-Curumim*, em parceria com Fernando Vilela. Em 1994, publica, em Portugal, o título de contos *Mundo fantasma* e em 1996, no Brasil, *Mundo fantasma: a espinha dorsal da memória*, ambos coletâneas de contos do autor. Em 2014, publicou *Sete monstros brasileiros*, título que conta com sete contos, cada qual inspirado em seres fantásticos do folclore brasileiro. Foi também o organizador das antologias de contos fantásticos e de ficção científica *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros* (2003), *Contos fantásticos no labirinto de Borges* (2005), *Freud e o Estranho: contos fantásticos do inconsciente* (2007), *Contos obscuros de Edgar Allan Poe* (2010), *Páginas do futuro: contos brasileiros de ficção científica* (2011), *Contos Fantásticos de Amor e Sexo* (2011) e *Detetives do Sobrenatural: contos fantásticos de mistério* (2014). Além de traduzir e organizar o título *O País dos Cegos e outras histórias – H.G. Wells* (2014).

Além da bibliografia acima, o autor tem dois livros de poesia publicados, quatro de crônicas, dentre eles *A nuvem de hoje* e *A idade da ignorância*, que correspondem à seleção de textos publicados em sua coluna diária no *Jornal da Paraíba* editados pela editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB), através do Selo Latus, e quatro ensaios, a saber, *O Anjo Exterminador* (2002), *O que é Ficção Científica* (1986), *O Rasgão no Real* (2005) e *A Pulp Fiction de Guimarães Rosa* (2008).

Em março deste ano, participou da mesa redonda “Tendências da ficção fantástica no Brasil –

Depoimentos autorais de Bráulio Tavares e Flávio Carneiro” sob a mediação do Prof. Dr. Júlio França no IV Encontro Nacional *O insólito como questão na narrativa ficcional* e XIV Painel *Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional* discutindo as questões acerca da literatura fantástica contemporânea no Brasil junto ao professor, pesquisador e escritor de romances fantásticos, de ficção científica e policiais, Flávio Carneiro.

P.: O Bráulio Tavares acha que a literatura fantástica, no Brasil, ainda se encontra no universo que a crítica delimita como literatura menor?

R.: A crítica não é unânime, nem é homogênea. Não temos mais uma crítica literária na imprensa, como a de 50 anos atrás – críticos de leituras literárias amplas e variadas, que comentavam nos jornais os lançamentos ao longo do ano. O que existe são comentaristas eventuais e diferentes grupos de acadêmicos que, de acordo com suas filiações estéticas, focalizam sua leitura em alguns tipos de livros e ignoram os demais. Muitos excluem, por princípio, a literatura fantástica. O fantástico é tido como um fenômeno próximo ao que chamamos literatura-de-massas, e por isto é evitado por aqueles mais receosos de perder um tempo precioso de leitura. Especializam-se e tornam-se desaparelhados para julgar essa literatura. O que eles acham ou deixam de achar sobre ela é irrelevante, uma vez que não a conhecem.

P.: Haja vista que até bem pouquíssimo tempo a crítica demonstrava pouco ou nenhum interesse por qualquer literatura que fugisse à estética real-naturalista. Escrever literatura fantástica

científica é assumir que se seguirá o caminho da literatura não séria e de mero entretenimento?

R.: Não é o gênero que determina a qualidade de uma obra. Não são as preferências dos críticos que determinam o que os escritores escrevem. (A não ser em casos isolados e irrelevantes.) Um escritor da “estética real-naturalista” pode estar fazendo uma literatura “não-séria e de mero entretenimento”. O “real-naturalismo”, aliás, é o primeiro refúgio dos escritores sem imaginação que querem, de modo mais rápido, conquistar a cumplicidade de um leitor superficial, falando dos dramas de uma vidinha fechada em si mesma. Críticos tendem a se especializar, a fechar seu foco de interesse em um certo número de autores; infelizmente, perdem com isso a possibilidade de conhecer outros tipos de expressão. E isso existe também no âmbito da literatura fantástica, onde estamos vendo surgir críticos que só leem esse gênero, e cujo conhecimento da “estética real-naturalista” é ínfimo. Críticos inteligentes, claro, darão sempre uma contribuição positiva, qualquer que seja o horizonte temático que traçam para si mesmos. O que nos faz falta são críticos capazes de ir além da mera classificação por gêneros e captar os lençóis profundos de criação literária que quaisquer bons livros abrigam dentro de si.

P.: Hoje, analisando a sua trajetória como ficcionista, antologista, poeta, colunista, etc, você diria que o recurso ao fantástico foi uma escolha consciente ou não?

R.: Quando comecei a escrever meus primeiros contos a sério, com 20 e poucos anos, eu tanto podia imitar Kafka quanto

Dalton Trevisan, tanto imitava Ray Bradbury quanto Luiz Vilela (um dos maiores contistas brasileiros). Nunca escrevi a partir de um programa estético ou ideológico, sempre escrevi a partir de uma ideia. É a ideia (que surge de repente) que impõe o enredo, o tratamento e a ambientação, que pode ser no sertão da Paraíba ou numa metrópole de outro planeta. Alguns projetos, contudo, foram deliberados, como o livro *A Espinha Dorsal da Memória* (1989), montado a partir de alguns contos que eu já tinha, e para o qual escrevi mais uma meia dúzia, com o objetivo de participar de um concurso, que acabei ganhando.

P.: E a literatura latino-americana, como influenciou em suas escolhas literárias? O que nos diria sobre Jorge Luis Borges?

R.: Borges foi um dos maiores leitores de literatura do século 20, com uma erudição totalmente a serviço da função básica da literatura, que é contar histórias (isto não o impediu de ser um estilista discreto e brilhante). Mas Borges só é latino-americano no sentido bem particular e cosmopolita de Buenos Aires. Quem me revelou a América Latina foram Garcia Márquez, Miguel Ángel Asturias, Júlio Cortázar, Eduardo Galeano, etc.

P.: No que diz respeito à literatura brasileira, a leitura de quais autores lhe serviram por referência ou inspiração?

R.: São nomes demais para citar aqui, mas de um modo geral meu mergulho maior na literatura brasileira foi nas décadas de 1960-70, quando eu me esforçava para ler tudo que era lançado, sem falar nos clássicos. Em vez de autores, prefiro citar publicações da época, como *Contos Jovens* (Ed.

Brasiliense), *Jornalivro*, *Ficções*, *Escrita*, *José*, *Versus*, *Revista Civilização Brasileira*, *Opinião*, *Movimento* e outras, não só publicando ficção, mas debatendo e analisando a literatura brasileira do momento.

P.: Em sua opinião, o fantástico seria uma “coisa”, nesse sentido genérico e impessoal, disforme, que se atribui ao que se chama, em geral de “coisa”? Qual seria o seu conceito de literatura fantástica?

R.: O fantástico é a anti-coisa. Acho que a “coisa” seria o que chamamos de realismo, que busca uma visão cientificista da existência. O fantástico é qualquer rachadura, escorregão, defeito, etc. nessa “coisa”. O realismo é centrípeto, o fantástico é centrífugo. O realismo tende a sincronizar e uniformizar uma única visão científica do mundo (por exemplo, não pode haver alterações na História, não pode haver desobediência às leis físicas, etc.), enquanto o fantástico tende a multiplicá-las e fazê-las brigar umas com as outras. Há quem considere o fantástico não um gênero, algo caracterizado por detalhes externos (a FC, Por exemplo, seria definida pela presença de viagens no tempo e no espaço, a presença de monstros e alienígenas, etc.), mas um “modo”, uma maneira de enxergar o mundo e reproduzi-lo através de narrativas. O modo fantástico implicaria em não assumir nada como certo e imutável, como faz a ficção tradicional, em que tudo tem que se dar no quadro de uma “realidade consensual” que, por ser consensual, é uma realidade apenas mediana; estatística. Uma realidade onde o raro e o improvável estão proibidos, por definição.

O que me lembra a definição da Patafísica, de Alfred Jarry e companheiros: uma ciência baseada não nas regras, mas nas exceções. O Fantástico tem isso em comum com a Patafísica.

P: No prefácio de *Páginas de Sombra: contos fantásticos brasileiros* (2003) você fala sobre a possibilidade de um fantástico propriamente brasileiro, em que os temas do gênero são reinventados pelos nossos autores. Tais narrativas, apesar de integrarem um gesto imaginativo universal, não foram suficientes para que o fantástico florescesse no Brasil, haja vista que ainda continuamos desenvolvendo tentativas de domesticar o realismo. Poderia falar mais acerca desse seu ponto de vista sobre a literatura fantástica no Brasil?

R.: Primeiro, não posso nem quero assumir uma atitude prescritiva, dizendo que os escritores brasileiros deveriam escrever assim ou assado. Literatura é um mergulho pessoal de cada um, que não deve ser legislado pelo lado de fora. Como crítico, acho que exploramos pouco as mil possibilidades do fantástico contidas em nossa cultura; mas, quando escrevo meus contos, não estou preocupado com isso, e minha história pode acontecer noutro planeta, ou na Europa da Idade Média. Quem escreve é o contista, não o crítico. Eu até acharia legal “ser mais brasileiro” em minha literatura, mas, quando escrevo, essa preocupação não existe, só existe a história. Por que ambiente minhas histórias longe do Brasil? Respondo como Chicó: “não sei, só sei que foi assim”.

P: Nesse mesmo prefácio, você nos chama a atenção para “narrativas de estrutura mitológica, muito próximas à literatura oral”; narrativas

que não apresentam propriamente uma hesitação no sentido Todoroviano da palavra. Cita, como exemplos, *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, *Manuscrito Holandês ou A peleja do Caboclo Mitavaí contra o monstro Macobeba* (1960), de M. Cavalcanti Proença, e *As pelepas de Ojuara* (1986), de Nei Leandro de Castro. Incluiria nesse rol nomes como Bernardo Guimarães, Inglês de Sousa e Dalcídio Jurandir?

R.: Não conheço bem esses autores. De Bernardo Guimarães acho que só conheço o poema fescenino *O Elixir do Pajé*. Li alguma coisa de Dalcídio Jurandir publicada sob o pseudônimo de “Luís Dolzani”, mas não lembro de nada com o viés fantástico.

P.: No seu último livro, lançado ano passado, *Sete monstros brasileiros*, você parte da tradição oral para criar os sete monstros que protagonizam o livro. A escolha teria sido motivada, além do contato com a tradição oral e da leitura de obras como *Geografia dos mitos brasileiros*, de Luís da Câmara Cascudo e *Assombrações do Recife Velho*, de Gilberto Freyre, pelo seu estreito contato com a literatura de cordel?

R.: Sim, porque no cordel existe a tradição de abordar essas criaturas. O tratamento literário que é diferente. Eu procurei dar um tratamento diferenciado a cada uma das histórias, explorando os recursos da prosa e não do verso. Mas não há somente o cordel: há, por exemplo, um conto sobre zumbis que é uma brincadeira com os filmes de zumbis atuais. E há a história da Porca de Soledade, que não é criação minha, é um “tall tale” paraibano que ouço há muitos anos.

P.: Jerônimo Monteiro no prefácio de *Maravilhas do conto fantástico* (1959) afirma ser interessante que, numa cultura como a nossa, em que as superstições, as lendas e as crendices são tão afloradas, a produção de uma literatura de cunho fantástico tenha sido tão improfícua. De acordo com a sua lógica, deveríamos gozar de uma produção de literatura fantástica ainda maior que os ingleses e os americanos, pois teríamos ainda mais material a explorar. Como você se sente, como ficcionista e antologista, em relação a essa afirmação?

R.: Não é necessário comparar nossa mitologia com a dos ingleses ou norte-americanos. Cada literatura tem seu passado, e achar que um é maior que o outro é perda de tempo. Eu prefiro lembrar aos autores mais jovens que temos um banco de dados que nos cabe por direito histórico, são os antecedentes da nossa literatura, do nosso idioma, etc. É um banco de dados que a literatura dos EUA praticamente desconhece! Não é que tenhamos obrigação de usá-lo, é que seria bobagem não fazê-lo: seria como ter um tesouro em casa e viver pedindo dinheiro emprestado. Temos não apenas toda a tradição oral e escrita tipicamente brasileira de 1500 em diante (dos brancos, dos índios e dos negros), como temos a tradição ibérica (pelo lado de Portugal) e africana (pelo lado dos escravos). E podemos admitir também que a tradição literária árabe também nos afeta, afinal, foram 700 anos de dominação árabe na Península Ibérica. Temos muito mais cromossomos das Mil e Uma Noites do que os autores da Inglaterra e dos EUA.

P.: Alguns contos de *Páginas de Sombra: Contos fantásticos brasileiros* (2003) como, “A última Eva”, de Berilo Neves, “Máquina de ler pensamentos”, de Lília A. Pereira da Silva e “Demônios”, de Aluísio Azevedo, poderiam ser lidos pelo viés da literatura de ficção científica?

R.: Sim, desde que não achemos que ficção científica é apenas o que se parece com a ficção científica escrita nos EUA (contra a qual não tenho nada, aliás. Apenas gosto de jogar minha rede em muitas águas, em vez de numa só). Para falar dos contos de Lília Pereira, usei o termo “ciência gótica” para descrever ambientes bizarros e improváveis revestidos com parafernália científica. De qualquer modo, para mim a ficção científica é um subconjunto do fantástico.

P.: Por fim, que recado gostaria de deixar para os leitores da *Abusões*, em sua farta maioria investigadores da literatura do insólito, dos discursos do metaempírico, das narrativas gótica, fantástica, feérica, onírica, enfim, não realista, descompromissada com a lógica racionalista aristotélica?

R.: Eu vejo toda essa literatura como uma expansão do nosso campo conceitual, filosófico, da nossa maneira de entender o que são o universo físico, o universo social (as relações entre os seres humanos ao longo do tempo) e a mente humana. O fantástico pertence a um mundo que não se comporta de acordo com as leis da matéria, mas com as leis do pensamento humano, um mundo idealista, subjetivo, e é esse o seu encanto, por ser maleável, fluido, contraditório. O fantástico não nega o real, ele o inclui, e dá um passo adiante, incluindo também o subjetivo, o imaginário, o inconsciente. Quando alguém minimiza a importância da

literatura fantástica, isso me lembra uma amiga que se recusava a ler romances, fosse Dostoiévski ou Machado de Assis, dizendo que “não queria perder tempo lendo histórias que não aconteceram com pessoas que nunca existiram”. São atitudes de quem não percebe bem o que é a literatura.